

A petulância argentina

Ives Gandra da Silva Martins

O Mercosul fortalece politicamente o Brasil e economicamente a Argentina, o Uruguai, o Paraguai, o Chile e a Bolívia.

Num mercado de 210 milhões de consumidores, o Brasil oferta mais de 75% de potenciais consumidores a seus aliados, com tarifas preferenciais, e recebe, em contrapartida, menos de 25% dos mercados dos demais cinco países.

Por outro lado, o "custo Brasil" é muito superior ao que suportam os cinco aliados (três com tratamento preferencial, para signatários do Tratado de Assunção), uma vez que nele se inclui carga tributária de 31%, contra a média de 20% dos demais, e encargos trabalhistas de 102%, contra a média de 50% de seus aliados, cálculos estes realizados pelos mesmos critérios. À evidência, todos os demais países têm mais a ganhar, com o fortalecimento do Mercosul, do que o Brasil, beneficiário, apenas, de um discutível fortalecimento político, que parece iludir as nossas autoridades, em face da persistência americana de derrubar o Mercosul para dominar a América Latina por meio da Alca. É que, com maior tecnologia e capital, os Estados Unidos têm condições de reduzir os demais países latino-americanos ao américo-colonialismo do século 21, de natureza exclusivamente econômica.

Neste quadro de dúvidas, as nossas autoridades se curvam à petulância argentina. Este país ameaça deixar o Mercosul para ingressar na Alca, se o Brasil não ceder às suas imposições econômicas e de hegemonia política no continente, apesar de



SE OS DEMAIS PAÍSES DO MERCOSUL DESEJAM O MERCADO BRASILEIRO, QUE COMPREENDAM A NECESSIDADE DE OFERTAR ALGUMA CONTRAPARTIDA

seu "blefe", para os que conhecem a força argentina, ser inconsistente, na medida em que suas "cartas" são fracas.

Se a Argentina optasse pela Alca, seu poder concorrencial seria nenhum no mercado americano, e trocaria quase um terço de suas exportações — que é o que representam as exportações para o Brasil — por um percentual incomensuravelmente inferior daquele mercado, visto que ostenta tecnologia, capitais e produtos industrializados de baixa qualidade.

Desta forma, o Mercosul é mais importante para a Argentina que para o Brasil, visto que, sobre assegurar quase um terço de suas exportações em condições privilegiadas para o país, está seu mercado fechado

em muitos setores para a nação brasileira, como ocorre com o odioso regime de cotas para a indústria automobilística. Tanto é verdade que a balança comercial é deficitária para o Brasil e superavitária para a Argentina.

Fossem nossas autoridades diplomáticas mais ousadas, como são as argentinas, e estaríamos impondo à Argentina a concordância incondicional com a entrada do Brasil no Conselho de Segurança da ONU de forma permanente, ao risco de o Brasil desinteressar-se pelo Mercosul.

É que, se o Brasil se desinteressar pelo Mercosul e retirar-se, como muitas vezes os argentinos ameaçam fazer, as exportações argentinas para cá des-

pencariam e a crise econômica dos petulantes irmãos do Sul, que já é expressiva, aumentaria, sobre o capital estrangeiro voltar a preferir o investimento no Brasil, com um mercado de 165 milhões de consumidores, do que um mercado de apenas 30 milhões, sem a alavancagem do Mercosul.

Tenho para mim que o Mercosul é importante. Mas por ser o Brasil o país de maior expressão, à evidência, deveria agir como os EUA agem no Nafta ou buscam impor na Alca, atuando no sentido de uma política que põe em maior relevo os interesses americanos do que os de todos os outros países latino-americanos.

Se os demais países do Mercosul desejam o mercado brasileiro, que compreendam a necessidade de ofertar alguma contrapartida, inclusive com o apoio ostensivo a uma vaga permanente na ONU. E que os argentinos — que dependem economicamente, em um terço de suas exportações, do Brasil — mudem seu tratamento político para com o nosso país, de forma a evitar que cresça entre nós um sentimento de antipatia de tal ordem, que leve os consumidores brasileiros a rejeitar os produtos argentinos pelo simples fato de serem argentinos. Que uma política de "Go Home"; para os produtores argentinos, não seja a decorrência da insensatez deste "playboy" que governa o país irmão.

Ives Gandra da Silva Martins
é professor emérito da
Universidade Mackenzie